

O escritos encara a era de Dubcek como um período de supressão da censura da imprensa, de um momento em que se clamou pela criação de um segundo partido político como um processo de segurança contra o arbítrio, em que a nova linha política adotada foi mais uma concessão a pedido dos soviéticos. Como não poderia deixar de ser, trata-se de obra engajada, já que o autor é sob todos os aspectos, grande propagandista, contrário ao regime.

BENEDITA MARQUES PINHO.

* * *

*

PARIS (Robert). — *Les origines du fascisme*. Coleção “Questions d’Histoire” n.º 2. Flammarion. Paris. 1968.

Partindo do quadro específico da formação social italiana, durante as duas primeiras décadas do século, Robert Paris dirige sua análise no sentido da apreensão da gênese e das transformações que viriam dar corpo à ideologia fascista.

A ausência da revolução agrária, na segunda metade do século XIX, favoreceu a acumulação do capital, pois que a pequena propriedade praticamente inexistia. Desta forma, a soberania da grande propriedade, com suas relações de produção do tipo “semi-feudal”, incrementava a acumulação do capital e a formação cada vez maior de novos latifúndios.

Ainda por volta de meados do século passado, a agricultura italiana foi favorecida com a política de livre-cambismo, que permitiu a penetração dos capitais franceses e britânicos. Boa parte da renda agrícola é canalizada através da taxaço para o investimento em estradas e ferrovias. A política fiscal, ainda que timidamente, começa a estimular os investimentos na indústria nascente. Paralelamente a tal mecanismo, os trabalhadores rurais se deslocam para as usinas. Por outro lado, a política protecionista veio acentuar os desequilíbrios na economia sulina com a reforma aduaneira de 1887.

O primeiro decênio do século mostra o surgimento do grande capital com a fusão do capital bancário ao industrial.

A expansão da siderurgia e, pouco depois, da indústria automobilística, promovem uma rápida concentração industrial, assim como a formação de um proletariado urbano de “primeira geração”.

Torna-se freqüente a intervenção do Estado em benefício do grande capital. Dessa sociedade industrial ou, mais precisamente, desse grande capital brotam o nacionalismo e o fascismo. Espelhando estas idéias estão os periódicos como *Il Regno*, *La Voce* e *L’Idea Nazionale*. Este se propunha a:

“... defender o Estado forte e exaltar o exército, promover o nacionalismo econômico e a expansão colonial, praticando um culto obstinado da tradição e de Roma, bem como apelando re-

gularmente para uma política de *prestígio*, lançando através de tais *fórmulas* as bases do que mais tarde se constituirá no corporativismo” (pág. 26) (1).

Assim sendo, a conquista da Líbia (1911) veio satisfazer aos interesses capitalistas italianos, proporcionando um mercado de exportação ao mesmo tempo que abria uma nova porta para a emigração. Concedia-se, portanto, ao capitalismo italiano os meios de se apropriar dos excedentes gerados fora da Itália.

Dentro da Península, por sua vez, o sistema de governo inspirado por Giolitti, designado como “monarquia socialista”, tinha como característica marcante a conciliação. A aliança tácita entre o proletariado industrial (representado pelos reformistas) e o capitalismo emergente garantia um quadro político e social estável, que permitia o desenvolvimento da indústria pesada e do nascente capital financeiro. A acumulação do capital se fazia, em última análise, graças aos camponeses do sul, esmagados pela grande propriedade.

A crise provocada pelos progressos do capitalismo italiano provocou uma reação neo-romântica, que procurava-se exaltar a jovem Itália, tendo em vista objetivos coloniais veio se colocar como “literatura oficial” do fascismo. Destaca-se, entre outras coisas, por:

“... um anti-clericalismo definido (única religião, a Itália de *amanhã*). Há também temas nos quais tarde se inspirará o fascismo: o projeto de associar ao Parlamento os industriais, os agricultores, os engenheiros e os comerciantes, ou mesmo, de suprimir o próprio Parlamento, substituindo-o por um governo composto por vinte *técnicos*... O apelo à *juventude* é outro aspecto digno de nota, tendo sido criado nesse sentido, o hino fascista, *Giovinezza* (página 44) (2).

Em setembro de 1914, Marinetti e os futuristas organizam em Milão as primeiras manifestações. Dias após é constituído um *Fascio d'Azione Internazionalista* em favor da “revolução européia”. Nessa ocasião, Mussolini adere ao intervencionismo e é expulso do Partido Socialista. Identificando-se à causa da Entente, desejava a entrada da Itália na guerra contra a Áustria.

Ao término da mesma, as conversações em Paris se conduziram desfavoravelmente aos interesses italianos. As rejeições dos “grandes” criaram na Itália mitos como “a vitória mutilada”, “a nação proletária” — exposta ao jôgo do “imperialismo” e das “plutocracias”, idéias fartamente exploradas pela agitação fascista, que oferecia em contrapartida o patriotismo, a exaltação da Itália, “jovem e poderosa”, respeitada mundialmente.

A guerra, contudo, acentuou o processo de concentração industrial, o que veio abalar ainda mais o setor agrário, já atingido pela mobilização e pela baixa produtividade.

Desaparece um considerável número de médias e pequenas empresas, contribuindo, de maneira decisiva para a proletarização e desemprego.

(1). — Grifos nossos, P.S.O.

(2). — Grifos nossos, P. S. O.

Surtem, assim, em maio de 1919, os *Fasci di Combattimento* com a adesão do chefe dos *Arditi*, Ferruccio Vecchi. Menos de um mês se transcorreu entre a fundação dos *Fasci* e o incêndio do periódico socialista *Avanti*.

As eleições de 1919, apesar do resultados favoráveis aos socialistas, trouxeram uma crise dentro das lideranças do Partido

Do lado dos fascistas, Mussolini, em 1920, se opõe a Marinetti na questão do Vaticano. Faltava-lhes também maior unidade. Mussolini, no entanto, eleito deputado, conduz a reconciliação entre os fascistas, firmando-se em sua posição direitista. Elogia o Estado liberal, as aspirações imperialistas e nega a luta de classes. Funda-se o Partido Nacional Fascista (novembro de 1921), enquanto os *Arditi* provocavam agitações violentas. O fascismo acaba por vencer. Parafraseando Ângelo Tasca, em *EL NASCIMENTO DEL FASCISMO*, concluímos:

“Não foi o fascismo que provocou a revolução; foi a inconsistência da revolução que provocou a expansão do fascismo”.

A segunda parte do volume traz uma série de importantes documentos que tratam dos problemas político-sociais da época e da articulação fascista. Como complemento, Paris selecionou textos sobre o julgamento dos contemporâneos à ascensão fascista na Itália. A seguir, toma algumas questões polêmicas em torno do fascismo, discutindo-as à luz de ampla bibliografia comentada: Foi o fascismo uma revolução das classes médias? Quais suas relações com o grande capital? Em que medida as classes dirigentes foram responsáveis? Quem financiou a atividade fascista? Com que objetivos?

O convite aos debates permanece como desafio ...

PAULO DE SALLES OLIVEIRA